

ENTRE MIM E O MUNDO

Ta-Nehisi Coates

Tradução ~ Isabel Castro Silva

*Quando saíres a caminho da ida para Ítaca,
faz votos para que seja longo o caminho,
cheio de aventuras, cheio de conhecimentos.*

KONSTANDINOS KAVAFIS



Entre mim e o mundo
Ta-Nehisi Coates

Título original: *Between the World and Me*

1.ª edição: Fevereiro de 2016

© Ítaca, 2016

© Ta-Nehisi Coates, 2015

Esta tradução foi publicada por acordo com Spiegel & Grau, uma chancela da
Random House, uma divisão da Penguin Random House LLC.

Tradução: Isabel Castro Silva

Revisão: Madalena Fragoso

Design: Susana Cruz

Capa e paginação: Ítaca

Imagem da capa: © Luís Cavaleiro @__keepdreaming__

Impressão: Europress

ÍTACA

CALÇADA CONDE DE PENAFIEL, 28 - 2.º D.º

1100-158 LISBOA

EDITORIAL@ITACA.PT

WWW.ITACA.PT

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou outros, sem autorização prévia por escrito da Editora.

ISBN 978-989-99470-3-0

DEPÓSITO LEGAL 405155/16

*Para David e Kenyatta,
por acreditar*

*And one morning while in the woods I stumbled
suddenly upon the thing,
Stumbled upon it in a grassy clearing guarded by scaly
oaks and elms
And the sooty details of the scene rose, thrusting
themselves between the world and me....*

RICHARD WRIGHT

*E uma manhã na floresta tropecei
de súbito naquilo,
Tropecei naquilo numa clareira ervada que olmos
e carvalhos escamosos guardavam
E os detalhes da cena revoaram como fuligem, forçando-se
entre mim e o mundo...*

RICHARD WRIGHT

*do not speak to me of martyrdom,
of men who die to be remembered
on some parish day.
i don't believe in dying
though, I too shall die.
and violets like castanets
will echo me.*

SONIA SANCHEZ

I

*não me falem de martírio,
de homens que morrem para serem lembrados
num feriado da paróquia.
não acredito na morte
porém, também eu morrerei.
e violetas como castanholas
serão o meu eco.*

SONIA SANCHEZ

Filho,

No domingo passado, a apresentadora de um noticiário conhecido perguntou-me o que significava perder o meu corpo. A apresentadora transmitia a partir de Washington, D.C., e eu estava sentado num estúdio longínquo no extremo ocidental de Manhattan. Um satélite abreviava as milhas que nos separavam, mas nenhuma máquina poderia abreviar a distância entre o mundo dela e o mundo que eu tinha sido chamado a representar. Quando me perguntou sobre o meu corpo, o rosto dela desapareceu do ecrã e foi substituído por uma concatenação de palavras que eu tinha escrito nessa semana.

A apresentadora leu as palavras para o público e, quando terminou, voltou ao tópico do meu corpo, ainda que não o mencionasse especificamente. Por esta altura, no entanto, já estou habituado a que pessoas inteligentes me perguntem acerca da condição do meu corpo sem se aperceberem da natureza desse pedido. Em particular, a apresentadora queria saber por que razão eu sentia que o progresso da América branca, ou, antes, o progresso daqueles americanos que acreditam serem brancos, se construiu com base no saque e na

violência. Ao ouvi-la, senti uma tristeza antiga e indistinta crescer dentro de mim. A resposta a esta pergunta é o registo dos próprios crentes. A resposta é a história da América.

Não há nada de extremo nesta afirmação. Os americanos deificam a democracia a tal ponto que só muito vagamente têm consciência de haverem desafiado o seu Deus de tempos a tempos. Mas a democracia é um Deus que perdoa, e as heresias americanas – a tortura, o roubo, a escravatura – são tão comuns entre os indivíduos e as nações que ninguém se pode declarar imune. Com efeito, num sentido muito real, os americanos nunca traíram o seu Deus. Quando Abraham Lincoln declarou, em 1863, que a batalha de Gettysburg teria de assegurar que «o governo do povo, pelo povo e para o povo não perecerá neste mundo», não estava apenas a ser ambicioso; no início da Guerra Civil, os Estados Unidos da América tinham um dos maiores universos eleitorais de todo o mundo. Não se trata de saber se Lincoln verdadeiramente acreditava no «governo do povo» mas de saber que significado o nosso país, ao longo da sua história, atribuiu de facto ao termo político «povo». Em 1863, esse termo não designava a tua mãe nem a tua avó, não se referia a mim nem a ti. Assim, o problema da América não é o de ter traído o «governo do povo», o problema são os meios pelos quais «o povo» adquiriu o seu nome.

O que nos leva a outro ideal igualmente importante, um ideal que os americanos aceitam implicitamente mas sem o defenderem de forma consciente. Os americanos acreditam na realidade da «raça» enquanto característica definida e indubitável do mundo natural. O racismo – a necessidade de atribuir características indeléveis

a diferentes pessoas e depois humilhá-las, reduzi-las e destruí-las – advém inevitavelmente desta condição inalterável. Deste modo, o racismo é explicado como o filho inocente da Mãe Natureza, e só se pode deplorar o tráfico escravagista¹ ou o Trilho das Lágrimas² como se deplora um terramoto, um tornado ou qualquer outro fenómeno que não seja obra dos homens.

Contudo, a raça é a filha do racismo, não a mãe. E o processo de dar nome ao «povo» nunca teve que ver com genealogia ou fisionomia, mas com hierarquia. A diferença de tons de pele e de cabelos é antiga. Mas a crença na proeminência do tom de pele e do cabelo, a noção de que estes factores podem organizar correctamente uma sociedade e que designam atributos mais profundos que são indeléveis – esta é a nova ideia no centro do novo povo que foi ensinado, irremediavelmente, tragicamente, enganadoramente, a acreditar que é branco.

Esse novo povo é, como nós, uma invenção moderna. Porém, ao contrário de nós, o seu novo nome não tem nenhum significado real para lá da maquinaria do poder criminoso. O novo povo era qualquer outra coisa antes de ser branco – era católico, corso, galês, menonista, judeu – e, se todas as nossas esperanças nacionais se cumprirem de algum modo, terá de ser qualquer outra

1 No original, *Middle Passage*, a viagem dos navios negreiros de África para as Américas, constituindo o segundo troço do circuito triangular de comércio de escravos: da Europa para o continente africano, daí para as Américas, e daí de volta para a Europa.

Todas as notas de rodapé, salvo indicação em contrário, são da responsabilidade da tradutora.

2 «Trilho das Lágrimas» (*Trail of Tears*) é o nome dado pelos índios cherokee à migração forçada e ao abandono das suas terras que resultaram da Lei de Remoção dos Índios de 1830.